



EDUCAÇÃO DO CAMPO E O FORTECIMENTO DA IDENTIDADE CAMPONESA: o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, Viamão/RS

Helena Maria Beling

Universidade Federal de Santa Maria

Alecsandra Santos da Cunha

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este artigo objetiva compreender a Educação do Campo e sua relação com a identidade camponesa dos estudantes da E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima, Viamão/RS, que atende o Assentamento Filhos de Sepé, baseado na produção orgânica. Esta pesquisa utilizou o método dialético, embasado em uma abordagem e análise qualitativa. É importante considerar, na realização das práticas pedagógicas diárias, o contexto em que a escola está inserida, que possui especificidades e particularidades na localização e no sistema de produção, garantindo assim, a construção e o fortalecimento da autonomia e da identidade enquanto filhos de camponeses. No entanto, a realidade encontrada é deficitária no que tange ao reconhecimento dos estudantes como filhos de assentados da reforma agrária, assim, sua identidade camponesa se mostra prejudicada.

Palavras-clave: Produção orgânica; Práticas pedagógicas; Comunidade escolar; Assentamentos; Reforma Agrária.

RURAL EDUCATION AND THE STRENGTHENING OF PEASANT IDENTITY: the case of Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, Viamão/RS

Abstract

This article aims understand the Rural Education and yours relationship with the peasant identity of the students of E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima, Viamão/RS, which serves the Settlement Filhos de Sepé, based on organic production. This research used the dialectical method, based on an approach and qualitative analysis. It is important consider in carrying out of the daily teaching practices, the context in the school location, which has specific characteristics and peculiarities in the location and production system, thus ensuring the

construction and strengthening of the autonomy and identity as children of peasants. However, the reality found is deficient in relation to the recognition of students as children of agrarian reform settlers, thus as their peasant identity it is shown impaired.

Keywords: Organic production; Pedagogical practices; School community; Settlements; Land Reform.

INTRODUÇÃO

A Educação do Campo foi negligenciada pelas políticas públicas educacionais durante muito tempo. O modelo educacional brasileiro privilegia as escolas urbanas, inferiorizando a Educação do Campo e tratando-a como um espaço precário e de retrocesso social.

Somente após diversas lutas e reivindicações dos movimentos sociais, principalmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), houve maior atenção para as escolas do campo. A Escola do Campo deve buscar na educação um processo de formação e autonomia, fazendo com que ela passe a ser entendida como uma necessidade essencial para a formação de crianças e jovens, filhas e filhos de agricultores familiares, que vivenciam a realidade do campo. Significando que a Educação do Campo tem um importante papel para o desenvolvimento das comunidades rurais, sendo um meio de adquirir e ampliar conhecimentos e saberes sociais.

É importante a aproximação da escola com a comunidade escolar mantendo diálogos constantes, para assim, poder conhecer as especificidades, dinâmicas, limites, possibilidades e alternativas para as práticas pedagógicas. As práticas pedagógicas devem ser voltadas para a realidade daqueles sujeitos, valorizando seus saberes sociais, pois a Educação do Campo deve ser pensada a partir do contexto em que a escola está inserida, com intuito de atender as reais necessidades e anseios da comunidade.

Este artigo é parte da monografia apresentada ao curso de Geografia – Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que corresponde a uma investigação acerca da Educação do Campo e sua importância no fortalecimento da identidade camponesa. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental (E. M. E. F.) Nossa Senhora de Fátima, localizada no assentamento de Reforma Agrária Filhos de Sepé, município de Viamão/RS.

Cabe salientar que, a escolha desta escola justifica-se pelo fato da mesma oferecer plenas condições para o desenvolvimento da proposta de pesquisa, além de ter como característica peculiar e importante a sua localização, que é dentro de um assentamento de Reforma Agrária – muito próximo ao meio urbano – e, a produção totalmente orgânica. Portanto, é relevante considerar estas especificidades na realização das práticas pedagógicas, assim como várias questões envolvidas, tais como a cultura, direitos sociais e o modo de vida desses sujeitos, com a educação voltada e planejada para o fortalecimento de sua identidade camponesa, gerando sua autonomia.

Assim, esta pesquisa questiona como a educação do campo, na E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima, interfere na formação da identidade camponesa dos filhos dos assentados do Assentamento Filhos de Sepé, Viamão/RS? Tendo como objetivo geral a compreensão da Educação do Campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, como ferramenta para o fortalecimento da identidade camponesa, dos filhos dos assentados quem tem produção totalmente orgânica, do Assentamento Filhos de Sepé, Viamão/RS. E os objetivos específicos buscam: a) identificar e caracterizar o papel da E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima para a formação e fortalecimento da identidade camponesa dos filhos dos assentados que produzem na forma orgânica no Assentamento Filhos de Sepé, Viamão/RS; b) identificar se a E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima pertence aos sujeitos da comunidade do assentamento; c) identificar se o trabalho pedagógico é voltado para a construção da identidade dos alunos da E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima; d) Identificar as expectativas para o futuro dos alunos da E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima.

Utilizou-se o método dialético, pois é o que mais se aproxima da realidade da pesquisa. O método dialético “[...] penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e de sua mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 106). Com a utilização deste método é possível compreender as contrariedades que ocorrem na complexidade do espaço geográfico. O trabalho está embasado em uma abordagem e análise qualitativa. Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 244):

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

E nesse sentido, a escolha da abordagem qualitativa se justifica pela busca de respostas às questões particulares da realidade, explorando os conhecimentos, significações, história, cultura, valores, experiências e atitudes para compreender a Educação do Campo na E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima, como ferramenta do fortalecimento da identidade camponesa.

Para alcançar os objetivos propostos, a realização deste trabalho foi constituída das seguintes etapas: a) revisão da literatura e levantamento bibliográfico, extraída de documentos selecionados para a elaboração da fundamentação teórica; b) elaboração das entrevistas semiestruturadas, para serem aplicadas a informantes qualificados e pré-estabelecidos; d) coleta de dados, realizada através do trabalho de campo, com realização de observações empíricas, conversas informais¹, entrevistas e coleta fotográfica, que constituem a base de análise.

O trabalho de campo foi realizado com uma visita na E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima, durante o período de 20 a 24 de outubro de 2014, possibilitando aplicar as entrevistas semiestruturadas, observações empíricas, conversas informais e a coleta fotográfica.

Cabe destacar que, para as citações obtidas a partir das entrevistas semiestruturadas do trabalho de campo, será usado A para designar estudante, P para se remeter a professor e ED para se remeter aos membros da equipe diretiva (diretora, vice-diretora, secretário, bibliotecário), seguido do número da ordem da entrevista realizada.

A partir de então, foram realizados o cruzamento de dados e a sistematização das informações obtidas, sendo realizada uma análise específica da escola em questão, a fim de compreender a Educação do Campo como ferramenta para o fortalecimento da identidade camponesa, no assentamento de Reforma Agrária Filhos de Sepé, Viamão/RS.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E A IDENTIDADE CAMPONESA

A educação no meio rural sempre foi negligenciada e esquecida diante de uma realidade na qual o campo era visto como um espaço precário, de retrocesso agrário e social. Segundo Rocha (et al. 2011, p. 01):

O modelo de desenvolvimento implementado no campo brasileiro foi tão excludente que marca até hoje o modelo de educação adotado no Brasil. A escola brasileira, de 1500 até o início do século XX, serviu e serve para atender as elites, sendo inacessível para grande parte da população rural. Para as elites do Brasil agrário, as mulheres, indígenas, negros(as) e trabalhadores(as) rurais não precisavam aprender a ler e escrever, pois para desenvolver o trabalho agrícola o letramento era desnecessário.

Conforme ressalta Moura (2009, p. 54) “A educação no meio rural, sempre esteve atrelada ao sistema de produção capitalista, que tinha no latifúndio as suas bases. O camponês para trabalhar a terra não necessitava saber ler”. Wizniewsky (2010, p. 33) afirma que:

O campo não é atraso, é história vivida. A escola do campo deve ser pensada para que seja viva, e interaja com o lugar e seus sujeitos. Para que a escola do campo seja viva, ela deve ser construída por sua comunidade, pensada para ajudar no processo de desenvolvimento social, para manter a cultura, a raiz e a história daquele lugar. Essa escola deve formar sujeitos participantes e

capazes de construir seu próprio caminho, buscando seus direitos e lutando para serem cidadãos do campo.

Isto porque o campo possui simbologias significativas e diferenciadas, com diversidade cultural, étnica, racial e, principalmente, múltiplas gerações que ao longo do tempo vão recriando os saberes. Entretanto, é importante destacar que:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a constituir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro. (CALDART, 2003, p. 66).

Assim, para uma educação do campo eficaz e de qualidade é preciso que o educador conheça e reconheça o espaço escolar, possibilitando voltar suas práticas pedagógico-educativas para o contexto em que a escola está inserida. Neste sentido, o espaço local é valorizado bem como os saberes tradicionais e a cultura, contribuindo para que se fortaleça a identidade enquanto camponês, e que haja anseio de permanecer no campo.

A participação da comunidade escolar é fundamental para a construção de uma Educação do Campo ativa e eficaz, permitindo a construção da autonomia dos sujeitos do campo, estando comprometida com sua identidade, formando sujeitos pensantes e críticos.

O conteúdo contido nos currículos das escolas do campo precisa estar em consonância com o modo de vida dos sujeitos sociais ali envolvidos. O modelo de educação bancária presente no Brasil estabelece uma série de conteúdos fragmentados e, muitas vezes, em total desarticulação com a realidade vivida pelos estudantes, seja no campo ou na cidade. Contudo, a proposta da Educação do Campo é que os conteúdos curriculares sejam capazes de formar os estudantes com os conhecimentos científicos tradicionais, mas que sejam elaborados em harmonia com o modo de vida no campo, com conhecimentos necessários àquela realidade, que sejam adaptados para uma visão holística que retrate a complexidade do mundo destes sujeitos.

A identidade da Educação do Campo definida pelos seus sujeitos sociais deve estar vinculada a uma cultura que se produz por meio de relações mediadas pelo trabalho, entendendo trabalho como produção material e cultural de existência humana. Para isso, a escola precisa investir em uma interpretação da realidade que possibilite a construção de conhecimentos potencializadores, de modelos de agricultura, de novas matrizes tecnológicas, da produção econômica e de relações de trabalho e da vida a partir de estratégias solidárias, que garantam a melhoria da qualidade de vida dos que vivem e sobrevivem no e do campo. (ROCHA, et al. 2011, p. 04).

Desse modo, a educação do campo deve ter relações diretas com a construção e consolidação da identidade do meio rural, buscando a efetivação em suas práticas pedagógicas, voltadas para a valorização da cultura e a história do local, valorizando os saberes sociais daqueles sujeitos.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola foi fundada em 1968, com o nome de Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João XVIII, sendo fechada devido às políticas do governo que buscavam centralizar as escolas, em grande parte, no meio urbano, e os estudantes foram direcionados para o centro de Viamão/RS. A escola foi reaberta no ano de 1999 devido à demanda criada pela implantação do assentamento Filhos de Sepé, já com o nome que possui atualmente.

O Assentamento Filhos de Sepé, segundo dados da equipe de Assessoria Técnica Social e Ambiental (ATES) da Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda (COPTec, 2013), possui área territorial de aproximadamente 9.478 hectares (ha). Sendo 2.500 ha referentes ao Refúgio da Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (Área de Proteção Ambiental), 3.500 ha são de área de várzea (banhado), 500 ha de lâmina d'água da Barragem Água Claras, e os 3.000 ha restantes de lotes secos, que estão em altitude mais elevada.

O assentamento foi constituído em dezembro de 1998, a partir da desapropriação da Fazenda Santa Fé, antiga produtora de arroz convencional. Foram assentadas 376 famílias na ocasião de sua implantação, sem nenhuma infraestrutura, oriundas de vários municípios do Rio Grande do Sul. Essas famílias foram percebendo a necessidade de se organizar, para garantir a ocupação e a produção em seus lotes e, dessa forma, o assentamento é organizado em quatro setores (setores: A, B, C e D), cada um com uma agrovila, com arranjo territorial de lotes de moradia e produção.

Para a organização deste espaço, com características geográficas, sociais e culturas diferentes das de vivência e convivências anteriores de grande parte das famílias assentadas, foram necessárias várias adaptações. Tal como produzir em área que abrange terras de banhado, propícias para a produção do arroz irrigado,

além da luta por direitos e infraestrutura básica, essenciais para sua produção e reprodução, como por exemplo, moradia, água, energia, saúde e escolas.

É neste contexto que a E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima foi reaberta em 1999. Na atualidade possui organização curricular de Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, atende estudantes de todos os setores do assentamento e, ainda, estudantes do entorno. No ano de 2014, o total de estudantes matriculados na escola era de 307 estudantesⁱⁱ. Sendo que 292 destes são filhos de assentados do Assentamento Filhos de Sepé, cerca de 95% do total de estudantes.

Este número aponta para uma atenção especial ao tratar da Educação do Campo nesta escola, pois os estudantes possuem especificidades que devem ser valorizadas e trabalhadas. Sendo oriundos de assentamento de Reforma Agrária trazem, no seio da família, uma história de luta pela terra e, além disso, estão inseridos em uma realidade peculiar diante do contexto nacional e mundial, da produção ser totalmente orgânica.

É dever da escola levar em conta esta particularidade, considerando o contexto cultural, de direitos sociais e modo de vida, para uma educação voltada para a realidade dos estudantes, sendo um modelo de educação voltado para construção da autonomia dos sujeitos do campo, valorizando-os. Porém, durante o trabalho de campo, com a aplicação das entrevistas semiestruturadas, observação e conversas informais, a realidade apresentada é diferente.

A fim de atender a demanda do número de estudantes, a equipe docente da escola é constituída de 14 professores, além de uma diretora, uma vice-diretora, uma secretária, uma bibliotecária, duas merendeiras, uma funcionária para serviços gerais, cinco monitoresⁱⁱⁱ, dois porteiros, também possui Conselho Escolar e Círculo de Pais e Mestres (CPM)^{iv}. Conforme dados do Projeto Político Pedagógico (2013), a finalidade da escola é:

Mostrar o caminho do conhecimento para a vida; contribuir para o desenvolvimento intelectual, físico e emocional; ensinar os valores éticos comuns a todos; trabalhar com os deveres e direitos; preparar para o futuro; torná-los cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2013, p. 04).

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2013, p. 05), sua missão é: “Promover uma educação com qualidade através da participação efetiva da comunidade escolar, desenvolvendo as habilidades do estudante a partir da sua realidade e assim potencializar as práticas pedagógicas”.

O sistema de avaliação na escola é proposto como contínua, cumulativa e diagnóstica. Para os estudantes da Educação Infantil, 1º e 2º anos é adotado um Parecer Descritivo; já a avaliação dos estudantes do 6º ao 9º ano, é por meio de regime trimestral, distribuídos em três trimestres, respectivamente, atribuindo os

pesos de, 30, 30 e 40, nos quais para o estudante ser aprovado é necessário atingir, no mínimo, 50% da nota. Sua metodologia está instituída da seguinte forma:

A escola, seguindo uma linha norteadora embasada numa tendência educacional libertadora, deverá adotar a Pedagogia Crítico-Social com o objetivo de dar conta da filosofia elaborada pela comunidade escolar que coloca o aluno como sujeito construtor da sua história, interagindo com seus semelhantes.

O professor deve ser o facilitador, desafiando constantemente o aluno a refletir sobre a sua realidade para transformá-la na construção do conhecimento, utilizando o diálogo como um dos principais recursos metodológicos. Deve levar em conta a bagagem cultural do aluno.

A distribuição dos alunos na sala de aula deve propiciar a interação, de forma que o diálogo seja possível e as trocas de experiências, constantes. Não se adota a forma de distribuição tradicional, onde o aluno senta-se individualmente, um atrás do outro, a não ser em raras ocasiões. A forma grupal (com quatro ou cinco elementos) é a desejável.

A autoavaliação e a avaliação conjunta (professor e aluno) são as recomendáveis. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2013, p. 14).

Para além da dimensão pedagógica, nota-se que a infraestrutura da escola apresenta boa qualidade possui cinco salas de aula, um refeitório, uma cozinha, uma sala para os professores, biblioteca, sala da direção, sala de orientação, secretaria, sala para o Projeto Mais Educação, banheiros, amplo pátio, duas hortas, quadra de esporte e pracinha. Todas estas dependências da escola estão em bom estado de conservação e manutenção, possibilitando um ambiente agradável para estudantes e funcionários.

Além disso, são desenvolvidos projetos divididos em dois segmentos: pelo Programa do Governo Federal Mais Educação e os Projetos com as turmas. No primeiro segmento de projetos estão as oficinas de capoeira, agroecologia, música e acompanhamento pedagógico. O segundo segmento de projetos realiza momento da leitura, teatro, coral, banda marcial, horta, alimentação saudável, reutilização do lixo, reciclagem, coleta seletiva, uso racional de água e também referentes às datas comemorativas^v.

Grande parte destes projetos não conta com análise profunda das causas dos problemas, e grande parte deles não é desenvolvido em consonância de disciplinas e conteúdos, mas sim, através do Programa Mais Educação.

A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA VISTA PELA EQUIPE DIRETIVA E PROFESSORES

A partir das entrevistas e observações, conclui-se que as características dos professores, funcionários e membros da equipe diretiva da escola são, em grande maioria, urbanas. Dos 14 docentes que a escola é constituída, a maioria é oriunda da área urbana, somente três professores moram no campo e, apenas duas professoras são assentadas no assentamento Filhos de Sepé^{vi}.

Os profissionais que têm sua identidade no meio urbano e são designados para trabalhar no meio rural sofrem um grande choque sociocultural, sobretudo quando estes profissionais não estão dispostos a conhecer a realidade dos sujeitos da comunidade escolar, com seu modo de vida, suas especificidades e, principalmente, quando a escola do campo tem relação direta com os movimentos sociais do campo.

Com base no trabalho de campo, verifica-se que a falta de formação, tanto inicial quanto continuada, dos professores para trabalhar com a realidade da escola é grave. Isto pode ser considerado um problema das universidades, pois não têm em seu currículo cadeiras específicas que tratam da Educação do Campo. Bem como das Secretarias da Educação do município e do estado para oferecer a estes profissionais cursos de formação continuada, voltadas para o contexto escolar.

Porém, quando se fala em formação continuada, os entrevistados ressaltam que é difícil participar, pois se é dia letivo é necessário dar aula, a Secretaria da Educação de Viamão/RS não libera os professores para participarem, o que dificulta o processo, assim: “sem formação não tem como realizar um bom trabalho” (P-05, 2014). É importante destacar que grande parte dos professores apresenta ter consciência da importância de frequentar cursos de formação continuada, bem como trabalhar de acordo com a realidade e os reais anseios e necessidades dos estudantes em questão.

Há projetos desenvolvidos na escola que são voltados ao meio rural, como é o caso do Projeto Mais Educação trabalhando a Agroecologia. Conforme aponta a entrevistada P-03 (2014), neste ano o projeto só trabalha com os estudantes dos anos iniciais, nas segundas e sextas-feiras no turno da manhã, no ano de 2013 todos os estudantes participavam do projeto. Assim, pode-se inferir que as questões relacionadas com o campo são trabalhadas de forma isolada nesta escola, não atendendo todo o público. Conforme aponta a entrevistada:

[...] muitas tentativas, muitas coisas, mas tudo muito isolado, assim não conseguiu engrenar ainda, e até porque eu que tenho um pouco mais de conhecimento nessa área porque eu estudei, a minha pedagogia já era voltada para isso, já fiz outros cursos, mas em geral assim, os professores não estão preparados para isso, são preparados para dar aula normal, não tem essa diferenciação, e agora, há uns dois anos que começou a se falar em escola do campo no município, que até então não tinha, era tudo igual. (P-05, 2014).

Quando foi tocado no assunto da produção orgânica e transgênica, os professores demonstraram saber da importância de se produzir na forma orgânica, tendo noção das questões socioculturais, ambientais, políticas e econômicas envolvidas com os sistemas produtivos.

Vejo de toda a importância para o planeta, para o mundo, para as pessoas, para tudo, é o único caminho que a humanidade tem, não tem como continuar do jeito que está, plantando com agrotóxicos, com muito adubo, sem falar de todo problema ambiental. Como vou dizer, são dois modelos de agricultura, então a gente defende o modelo de agricultura em que, cada família tenha seu pedaço de terra, pode plantar, produzir alimentos saudáveis, e não um fazendeiro ter 5 mil hectares de terra, fazendo a monocultura, usando todo esse pacote de agrotóxicos, é agroecologia e agronegócio, são duas coisas bem diferentes, são dois modelos de vida que se quer buscar. E é isso que se constrói aqui dentro do assentamento desde que chegamos aqui. (P-05, 2014).

A entrevistada P-04 (2014) completa a ideia anterior colocando: “é uma produção muito boa, na verdade é ótima, que bom se todos conseguissem ter a produção na forma orgânica”. A entrevistada ED-09 (2014) coloca que utiliza, em grande maioria, produtos transgênicos na sua alimentação, pois acaba tendo que se adequar ao que está à disposição no mercado:

[...] mas eu sou totalmente contra os transgênicos, e tudo que eu puder usar de alimentos orgânicos e integral eu uso, sei que não é muito fácil devido ao elevado custo, [...] ainda penso no dia que me aposentar ter uma chácara ou um sítio, e assim, poder plantar algumas coisinhas na minha horta orgânica, e até ter uma vaca de leite [...]. (ED-09, 2014).

Poucos professores e membros da equipe diretiva conhecem a história do assentamento Filhos de Sepé, nas entrevistas grande parte destaca que conhece somente um geral, mas nada das questões aprofundadas e específicas. Sendo um ponto muito deficitário desta escola, conforme a entrevistada destaca:

Quando o pessoal veio para o assentamento, eles foram bastante discriminados, diziam que vieram para tirar as nossas terras, e na realidade hoje a gente vê que não era

assim, que hoje eles produzem nessa terra que antes estava parada, agora ela é produtiva, e isso favorece a todos, desde as crianças, enfim todos os moradores, o município inteiro. (P-07, 2014).

Durante a entrevista com uma das professoras que também é assentada, a mesma demonstrou ter um vasto conhecimento sobre a Educação do Campo, tendo formação política e social dentro do MST. Ela está participando, como discente, de um projeto de extensão sobre educação ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Após o término, esta professora pretende introduzir um projeto na escola voltado à realidade dos estudantes, no qual serão abordados diversos temas^{vii}, colaborando assim para o fortalecimento da identidade dos sujeitos da escola e da comunidade escolar, que se apresenta bem deficitária. Este projeto poderá ser muito positivo para o trabalho dos demais professores, pois oportunizará o conhecimento da realidade em que a escola está inserida.

Quando se levanta a questão dos conteúdos do currículo, dos temas importantes a serem trabalhados com os estudantes, os professores explanam saber da importância de trazer questões relacionadas com o lugar, porém demonstram que muitas vezes não é realizado.

É no lugar onde as coisas acontecem e se processam, é também o lugar o agente do processo da inclusão e da exclusão. Porque ao mesmo tempo em que inclui algumas pessoas em atividades e funções a serem desenvolvidas no campo do trabalho, excluem outras por falta de capacidade de se incluírem nas demandas existentes. Por isso o lugar é também excludor, obrigando muitas vezes as pessoas partirem na busca de um lugar onde possam ser inseridos, ou ficam vivendo as margens dos acontecimentos. (MOURA, 2009, p. 29)

A entrevistada P-03 (2014) destaca que é preciso trabalhar “para eles valorizarem mais a terra, gostarem mais do campo e não irem somente para a cidade, trabalhar nas cidades, valorizando sempre a produção agroecológica que é produzida por eles”. A entrevistada P-04 (2014) completa esta ideia:

É importante trabalhar a questão do cuidado com manejo do ambiente, respeitar o ambiente que é de onde tiram seu sustento, principalmente, sempre auxiliar na questão das plantações, como a rotação de culturas, não realizar a extinção de certos animais que são importantes na cadeia alimentar, que é preciso ter esse cuidado [...], fazer eles respeitarem, para sempre ter de onde tirar seu sustento. (P-04, 2014).

As entrevistas demonstram, em sua maioria, que os professores e professoras da escola estão cientes das necessidades dos estudantes, mas a prática experimentada por todos não está de acordo com os preceitos da Educação do Campo. Quando a pergunta feita foi em relação ao que a escola deve fazer para oferecer uma Educação do Campo de qualidade, os entrevistados apontam para problemas como a falta de formação adequada, desconhecimento do contexto em que a escola está inserida, a pouca valorização dos sujeitos e da falta de projetos que trabalhem com o fortalecimento da identidade camponesa dos estudantes, por eles serem filhos de assentados de Reforma Agrária e produtores orgânicos. Como destaca:

Valorizar mais os sujeitos, seu trabalho na agricultura, pois hoje falam muito em meio ambiente, mas só falam, não tem a prática, tudo que é coisa tem que ter a palavra meio ambiente, mas muitas vezes nem sabem o que quer dizer a palavra ao certo, muitos professores mesmo a gente vê o grande bloqueio em trabalhar as questões relacionadas às questões ambientais e do assentamento. (P-03, 2014).

Mais uma vez, pode-se inferir que a formação inicial e continuada para professores que trabalham em escolas do campo são necessárias para que possam estar capacitados à atender estas realidades. A entrevistada P-02 (2014) destaca que sempre procura trabalhar levando em conta os conhecimentos prévios dos estudantes e, a partir de então, ir aprofundando mais os conteúdos, sempre trabalhando com os interesses do local: “às vezes eu me surpreendo, pois tu pensas que eles não sabem, mas eles trazem coisas muito boas para a sala de aula”.

Os professores compreendem que a Educação do Campo deve ser trabalhada levando em conta as especificidades e o contexto em que a escola está inserida. Introduzir essas questões dentro da sala de aula durante os conteúdos trabalhados nas disciplinas e relacionar sempre com o espaço de vivência e convivência é fundamental. Além disso, é necessário alcançar os estudantes, também, para fora das paredes de uma sala de aula, com projetos que atendam as reais demandas da comunidade escolar. Contudo, destacam que a escola, muitas vezes, não alcança tais objetivos que são essenciais para garantir uma Educação do Campo de qualidade.

Quem trabalha em escola rural, escola do campo, tem que gostar, é diferenciada, e não adianta dizer que não é, sendo outra realidade, é outro tipo de necessidade, de visão, (...) eu friso muito que quem trabalha na zona rural tem que gostar da zona rural, tem que ter uma

característica do lugar, na zona urbana parece que é tudo mais frio, mais distante, e no rural não é assim. (ED-11, 2014).

As relações no espaço rural parecem se dar de forma diferenciada que no espaço urbano. Os laços de parentesco, afetividade, solidariedade e cooperativismo constroem relações mais próximas entre os sujeitos que ali vivem, construindo identidades específicas, e entre elas, a identidade camponesa. E neste sentido, é papel da escola, também, trabalhar com o fortalecimento da identidade camponesa dos estudantes, buscando evidenciar estas relações diferenciadas. Contudo, é necessário que os educadores estejam preparados para trabalhar nesta escola do campo, com toda sua produção baseada nos moldes agroecológicos, e que, ainda, são filhos de assentados que trazem consigo a história de luta pela terra.

Conforme ressalta a entrevistada P-02 (2014) “Acho importante trabalhar para os estudantes valorizarem onde eles estão, criando essa identidade, pois é importante eles estarem aqui e continuarem aqui”. Segundo expõe professores e membros da equipe diretiva:

[...] é escola do campo, mas eles têm que saber ainda mais do que os outros, eles têm que saber tudo que os outros aprendem e mais um pouco, não é porque é do campo que nós temos que ter menos conhecimento, bem pelo contrário, sendo que eles precisam saber do conteúdo e dos aspectos relacionados ao campo, é bem amplo. (P-05, 2014).

O que eu acho bem importante e tenho um certo sentimento é que, as outras escolas que eu conheço, que são dentro de assentamento, são tratadas como escola de assentamento, são todas escolas estaduais e tem um tratamento diferenciado, essa aqui não, sempre foi deixado bem claro que essa escola aqui é do município e não do assentamento, tudo bem é do município, a maioria das pessoas que trabalham aqui não tem identificação com o meio rural, com a realidade da comunidade, e isso está contribuindo para que os alunos percam suas raízes, sua identidade. (ED-09, 2014).

[...] essa escola aqui está começando o processo, a caminhada, para virar uma escola do campo, porque até então ela sempre foi só no campo, nunca teve esse olhar de fazer alguma coisa a mais. (P-05, 2014).

Eu vejo a escola muito dividida, justamente o ano passado a gente começou um trabalho no PPP, para a

escola deixar de ser somente no campo, para ser realmente uma escola do campo, pois parece que ela está somente localizada aqui, mas não é daqui, não voltada para isso, começamos o trabalho ano passado, mas teve uma troca de direção e muitas coisas se perderam, e temos que resgatar isso, fazendo coisas para eles, voltadas para a realidade deles. (P-02, 2014).

Percebe-se que parte dos professores tem ideia da importância de que uma Educação do Campo efetiva seja implantada na escola, o que já pode ser considerado um grande avanço, o reconhecimento da necessidade de mudança.

A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA VISTA PELOS ESTUDANTES

Durante a realização do trabalho de campo pode-se perceber um grave problema em relação à identidade camponesa dos estudantes em questão. Durante a aplicação das entrevistas e conversas informais, realizadas com estudantes do 3º, 4º, 6º, 7º, 8º e 9º ano, a primeira pergunta era referente ao seu local de moradia, poucos deles responderam que moravam no assentamento, mesmo morando, o que leva a entender a negação de suas origens, a falta de pertencimento e valorização do local.

Assim, é necessário ressaltar a urgência em realizar um trabalho em prol do resgate e/ou construção da identidade camponesa dos estudantes da E. M. E. F. Nossa Senhora de Fátima, valorizando seu espaço, fortalecendo seu pertencimento com o local.

Grande parte dos estudantes entrevistados (86%) demonstra que gostam de residir no campo, somente 14% evidenciaram insatisfação com seu local de moradia. Conforme expressa: “é bom porque a gente pode ter as nossas coisas, e na cidade eu acho que seria um pouco mais difícil, no campo a gente tem mais liberdade, mais espaço.” (A-02, 2014). Com poucas exceções, os estudantes expõem que gostam de estudar na escola, como justifica um deles: “sim, eu gosto, pelo fato dela ser do nosso assentamento, do Filhos de Sepé.” (A-02, 2014).

Para o questionamento acerca das atividades mais prazerosas desenvolvidas na escola, a maior parte apontou a preferência pela horta e atividades relacionadas, como por exemplo, o minhocário, além das atividades esportivas. Afirmam, em grande maioria, que gostam das disciplinas de Educação Artística, Educação Física, História e Geografia. Conforme ressalta um entrevistado^{viii}: “não tenho horta em casa, mas aqui na escola gosto de trabalhar com a horta, acho legal, é diferente, é legal porque tem que plantar e depois de uns tempos tu vai lá e está grande, e tu sabe que foi tu que plantou.” (A-04, 2014).

Entretanto, pode-se perceber que as atividades relacionadas com o campo, que é o local de vivência e convivência dos estudantes, são pouco desenvolvidas com os anos finais, principalmente do 7º ao 9º ano, conforme afirma um dos entrevistados: “(...) a nossa turma muito pouco vai para a horta aqui no colégio,

então a gente não tem essa de querer gostar de algo a mais da questão.” (A-07, 2014). Parece evidente que muito pouco é trabalhado durante as disciplinas sobre a Educação do Campo e questões relacionadas com o contexto em que os estudantes estão inseridos. Conforme ressalta a entrevistada A-06 (2014):

Nas aulas não é muito falado sobre a questão do campo, agroecologia e assentamentos rurais, a professora de História e Geografia é que mais fala, o restante não traz essas questões, ainda destaca que: “me sinto valorizado por esta professora.

O entrevistado A-08 (2014) afirma que: “os professores são mais urbanos”, fato este confirmado durante as entrevistas, observação e conversas informais. Explicando que: “os professores nem sabem nada disso, até porque eles não são daqui, mas, acho que, eles deveriam saber da história, pelo fato da escola ser daqui, do assentamento.” (A-01, 2014). Quando perguntados se gostariam de morar no meio urbano, quase a totalidade dos entrevistados demonstra muito interesse, justificando que: “[...] é tudo mais perto, tem escolas mais perto, trabalhos, mais lugares para trabalhar” (A-01, 2014).

Todos os estudantes mostram interesse em continuar estudando. Contudo, o modelo de educação bancária contribui para que a realidade não passe pelas transformações necessárias, ainda mais quando se fala em políticas voltadas para abolir a Educação do Campo. Fazendo com que, cada vez mais, as escolas urbanas recebam estudantes oriundos do campo, que é o caso percebido durante a realização das entrevistas, nas quais grande parte dos estudantes demonstra interesse em continuar seus estudos nas escolas localizadas no centro de Viamão/RS.

Outro fato relevante é evidenciado quando 86% dos entrevistados dizem pretender seguir profissões voltadas para o meio urbano, tais como: manicure, advogado, professor, jogador de futebol, médico, cientista, designer gráfico, carreira no exército, engenharia mecânica. Apenas 14% demonstram interesse de seguirem áreas relacionadas com a agropecuária, como é o caso de medicina veterinária.

Com estes dados, percebe-se o grande desestímulo para o jovem permanecer no campo, eles se dirigem para o meio urbano em busca de “melhor qualidade de vida”, pois veem o trabalho no campo como uma luta diária muito sofrida, com trabalho árduo.

Mesmo que a perspectiva de trabalho, da maioria dos entrevistados, seja no meio urbano, apenas 37% mostra interesse em, futuramente, residir nas cidades, pois 63% têm o intuito de continuar residindo no campo, especificamente no assentamento Filhos de Sepé.

De acordo com Brumer (2007), assim como existem fatores que atraem as pessoas para o campo, também existem fatores de expulsão. Conforme destaca que:

[...] as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação. Dependendo de como se examina a questão, os estudos sobre migração de jovens focalizam ora os atrativos do novo ambiente ora os aspectos vistos como negativos no local de origem. Entre os “ruralistas” predominam as análises que apontam antes os fatores de expulsão do que os de atração, como causa da migração. (BRUMER, 2007, p. 07).

Os fatores de expulsão e atração estão diretamente ligados à dicotomia entre campo e cidade, marcada tradicionalmente pelo mito do atraso e arcaísmo do primeiro e o fetiche da sociedade do espetáculo que assume o segundo. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.” (DEBORD, 2003, p. 13). O que é corroborado pelas políticas públicas que priorizam investimentos em infraestrutura básica para o meio urbano em detrimento do rural.

O pensamento já arraigado de que o espaço urbano pode oferecer melhores condições de vida vem evidenciando, cada vez mais, um dos maiores problemas existentes atualmente no meio rural, a sucessão familiar. Conforme Spanevello (2008), a sucessão do trabalho no campo depende de diversos fatores:

A perspectiva de manter assegurada a sucessão dos estabelecimentos familiares está associada às características familiares internas, ao processo de ensino-aprendizagem no trabalho familiar, a internalização da moral e dos valores, mas também as condições do próprio meio rural e da sua proximidade geográfica, econômica e social com as cidades. São razões/motivações que podem afetar a sucessão dos estabelecimentos familiares em função das mudanças da percepção em torno da ocupação agrícola e do modo de vida do meio rural. (SPANEVERELLO, 2008, p.50).

Esta questão pode nos levar a inferir que mesmo com as perspectivas voltadas para o meio urbano, ainda assim, para um futuro distante o retorno ao campo, mais especificamente ao assentamento em questão, é uma realidade desejada por estes estudantes. Ou seja, o sonho da cidade pode estar diretamente

relacionado ao consumo, à aquisição de bens materiais, é o fetiche urbano que os induz a pensar na cidade como *locus* da realização de seus sonhos enquanto consumidores.

Esse pensamento é corroborado pela mídia e pelo próprio modo de produção capitalista que incentiva o consumo exacerbado, fazendo com que os sujeitos somente se sintam importantes se tem o poder de consumir tanto quanto lhes é apresentado pela televisão, ou outros meios de comunicação em massa. Após a realização do fetiche, ou seja, quando chegarem a um ponto da vida em que a cidade já lhes ofereceu tudo o que era sonhado, aí sim, nesse momento, podem retornar às suas origens.

E, se a escola do campo não cumpre seu papel de instruir e formar seus estudantes, criticamente, no sentido de que o consumo não é sinônimo de felicidade e realização, o êxodo do jovem do campo continuará a acontecer, e cada vez mais a se expandir. Como é o caso do questionamento referente ao conteúdo que lhes proporcione o conhecimento sobre o campo, se e qual é a contribuição da escola para melhorar seu conhecimento sobre como trabalhar no campo, grande parte dos estudantes não reconhecem haver alguma contribuição:

Não, nada. Assim tem o Mais Educação, mas a gente queria fazer, quando eu estudava no 6º ano tinha as aulas de violão que eu também quero aprender, mas agora não dá, eu já ganhei um violão do meu irmão, mas agora não podemos fazer, e eu queria aprender. Mas voltado para o campo nada, os professores só falam sobre as matérias. (A-01, 2014).

É perceptível, através das conversas realizadas com os estudantes do 3º e 4º ano, que as questões do campo são mais valorizadas nestas turmas durante as aulas, também os estudantes estão inseridos com mais intensidade nos projetos, como o da horta.

Quando a pergunta foi em relação ao conhecimento da história do local, a maioria ressalta que não sabe quase nada da história, e os que sabem têm apenas uma noção geral, como do sofrimento e das dificuldades enfrentadas durante todo o processo. Este é um fator fundamental para entender a não identificação com a condição camponesa, a falta de conhecimento da própria história, de suas origens, impossibilita que o jovem rural se identifique com uma condição desconhecida.

Na pergunta relacionada com a produção orgânica, os conceitos trazidos pelos estudantes demonstram pouco conhecimento, não tendo relação da dinâmica e complexidade envolvida: “vitamina própria, não tem nada de veneno, de coisa tóxica, faz bem à saúde, e isso é muito bom, porque com coisa de veneno tu pode ter uma doença, além de preservar o meio ambiente” (A-05, 2014). Além disso, os entrevistados A-03 (2014) e A-04 (2014), que não residem no Assentamento

Filhos de Sepé, ressaltam que não conhecem nada da história do assentamento nem da produção orgânica.

Das atividades que são realizadas na escola voltadas para a realidade dos sujeitos, os professores não alcançaram um trabalho em conjunto, de cooperação para alcançar objetivos em comum. Grande parte da equipe não reconhece a escola enquanto escola do campo, mostrando resistência para se engajar nas atividades de valorização desta realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola do campo tem papel extremamente importante, ela deve realizar suas práticas pedagógicas voltadas à valorização dos sujeitos do campo, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade camponesa. Trabalhando no sentido de dar condições ao agricultor camponês de manter-se no campo, com saberes e conhecimentos sobre as atividades agrárias, sendo relevante formar sujeitos comprometidos com a agricultura sustentável. Pois o campo não é somente um local de produção agrícola, mas também, de produção de vida.

É muito importante que a construção das escolas do campo se dê através da cooperação e integração com toda a comunidade escolar, além do reconhecimento do lugar pelos professores, garantindo assim, integração para trabalho conjunto entre escola e comunidade, atendendo às especificidades da realidade local.

É preciso levar em conta as especificidades das escolas do campo, como é o caso da escola em questão. É preciso desenvolver a Educação do Campo com intuito de atender às reais demandas da comunidade. Esta escola tem como público principal estudantes oriundos do Assentamento de Reforma Agrária Filhos de Sepé, que trazem consigo uma história de luta pela terra, marcadas por uma série de injustiças sociais. Este fato é fundamental na realização das práticas pedagógicas diárias. Ainda há um longo caminho para superar os desafios, para assim, garantir uma educação capaz de formar sujeitos do campo e para o campo.

É preciso desenvolver projetos engajados com toda a complexidade da realidade da escola do campo. Permitindo assim, uma série de reflexões, como o seu papel enquanto ser humano na sociedade, garantindo a emancipação desses sujeitos, tornando-os críticos e reflexivos no que tange a várias questões relacionadas com seu contexto diário, como é o caso da Reforma Agrária e meio ambiente.

A presente pesquisa aponta dados preocupantes referentes à identidade camponesa dos filhos dos assentados do Assentamento Filhos de Sepé, bem como, a falta de interesse dos jovens de permanecerem trabalhando no campo. Contudo, o interesse em morar no campo é grande, demonstrando que os estudantes reconhecem as qualidades do campo.

Também é preciso que o Estado cumpra seu papel, em aprimorar suas políticas públicas para os sujeitos que residem no campo, investindo na formação da identidade dos agentes envolvidos com a Educação do Campo, melhorando as condições de vida e produtivas dos agricultores, fazendo do campo um local de

trabalho, vida e esperança. Para assim, os sujeitos serem valorizados e se sentirem valorizados.

REFERÊNCIAS

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (org). **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CALDART, Roseli Salete. A Escola do Campo em Movimento. **Currículo sem Fronteiras**. v.3, n.1, p. 60-81, Jan/Jun 2003. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.pdf>>. Acesso em: 26 de fev. de 2016.

COPEC, Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda; ATES Assessoria Técnica Social e Ambiental. **Gestão Comunitária de Recursos Hídricos na Produção Agroecológica de Arroz no Assentamento Filhos de Sepé, Viamão/RS**. 2013 (cópia xerográfica).

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Projeto Periferia, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MOURA, Edinara Alves de. **Lugar, saber social e educação no campo: o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Paim de Oliveira – Distrito de São Valentim, Santa Maria, RS**. 2009. 198f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

Projeto Político Pedagógico. Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima. 16f. Viamão. 2013. (cópia xerográfica).

ROCHA, Eliene Novaes; PASSOS, Joana Célia dos; CARVALHO, Raquel Alves de. **Educação do Campo: um olhar panorâmico**. 2011. In: GEPEC: Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação do campo. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/educacao-do-campo-um-olhar-panoramico/view>>. Acesso em: 27 de nov. de 2014.

SPANVELLO, Rosa Maria. **A Dinâmica Sucessória na Agricultura Familiar**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores Wizniewsky. A contribuição da Geografia na construção da educação do campo. In: MATOS, K. S. A. L. de; WIZNIEWSKY, C. R. F.; MEURER, A. C.; DAVID, C. de. (Org) **Experiências e diálogos em educação do campo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 27-38.

Contato com o autor: Alecsandra Santos Da Cunha <alecsandrascunha@gmail.com>

Recebido em: 09/08/2016

Aprovado em: 03/12/2016

ⁱ As observações e conversas informais no ambiente escolar têm a finalidade de levantar um grande número de dados qualitativos, sendo necessária uma atenção especial ao ambiente, às pessoas, aos comportamentos na escola e em sala de aula, tanto dos alunos quanto dos professores, a fim de conhecer mais profundamente o ambiente escolar e seus integrantes.

ⁱⁱ Dados extraídos do Relatório Estatístico do Movimento dos Alunos, levando em conta até o mês de setembro de 2014.

ⁱⁱⁱ Dentre os monitores está uma para educação infantil e quatro para o Projeto Mais Educação.

^{iv} Dados obtidos a partir da aplicação das entrevistas e observações.

^v Dados obtidos através de entrevistas, conversas informais e observação participante.

^{vi} Cabe destacar que, dentre os cinco monitores que a escola possui, uma monitora que trabalha no Projeto Mais Educação, com o tema agroecologia, também é assentada no assentamento Filhos de Sepé.

^{vii} Conforme destaca a professora, será dando ênfase nas questões de identidade ambiental e camponesa dos estudantes, como por exemplo, a luta pela terra, agroecologia, cultivares crioulas, alimentação saudável, assentamento rurais.

^{viii} Cabe ressaltar que o entrevistado não é morador do assentamento Filhos de Sepé.